

Universidade de São Paulo

Escola de Comunicação e Artes

Introdução a Museologia

Prof. Dr. Martin Grossman

João Lorandi Demarchi – nº USP 8629840

Trabalho Final

Índios nos Museus

Este trabalho tem como questão central a apropriação que os índios têm feito do Museu. Para tanto, é preciso dar alguns passos na história e compreender a trajetória da instituição museal. Ressaltamos sempre que o Museu está inserido na sociedade e não alheio a ela, por isso ele tende aos movimentos e avanços das pessoas. Não entendemos o “avanço” como algo necessariamente positivo ou escalar, como propunham os positivistas. Temos o “avanço” como processos ao longo da história que acabam por justificar a razão de ser dos fatos.

Se há uma “Nova Museologia” é porque as questões que envolvem o museu avançaram, movimentaram seguindo a sociedade e as questões que a ela atingem. Portanto, a aproximação e a apropriação dos museus pelos índios faz parte de uma ampla conjuntura que propicia este fato. Não queremos, com isso, contar a história do museu para chegar ao nosso objetivo: entender minimamente os museus indígenas. Até porque não temos condições de fazê-lo aqui. Mas é imprescindível trazer à luz algumas questões históricas que julgamos necessárias para compreender como o índio chegou ao museu.

Método

O ponto de partida da nossa pesquisa foi a leitura do artigo de Freire (2009), o qual nos causou curiosidade no assunto e nos levou a ler alguns artigos. Os exemplos de experiências museais apresentados por Freire que foram o início da pesquisa, acabaram sendo a conclusão da trajetória e o resultado, em certa medida, do que Maria Cecília Santos e Tereza Scheiner nos contam.

Estes artigos foram sempre iluminados por Boaventura na sua proposta de superar a linha do pensamento abissal. Textos de um sociólogo português, “Para além de um pensamento abissal”, nos traz diversas questões acerca da relação epistemológica que o ocidente trava com o oriente. Um texto complexo que não conseguiríamos e nem seria o lugar de esgotá-lo aqui. Mas devemos ter em mente alguns pontos que ele aborda.

Boaventura

Primeiramente, ele nos mostra que no globo há diversas epistemologias das quais não temos capacidade de apreender todas elas. Mas já é um grande avanço reconhecer de antemão a existência de epistemologias diferentes das nossas e epistemologias desconhecidas por nós. Outro fator são os processos históricos que geraram hierarquia entre elas, não sendo, portanto, naturais. Esta hierarquia gerou uma linha abissal que separa, grosso modo, o Ocidente do Oriente. Pela proposta de Boaventura, devemos superar esta linha, reconhecendo a coexistência de diversas formas de se perceber o mundo e admitir que estas formas se somam: como há diversos problemas na vida humana, há diversas formas de se responder a eles.

Nosso museu indígena converge com Boaventura na medida em que os índios, povos que possuem uma forma de se perceber o mundo adversa ao do homem branco, se apropriam de uma instituição ocidental. Neste caso, o museu representa a epistemologia ocidental e simboliza como entendemos a história, tendo forte influência do cristianismo Le Goff (2013).

Podemos concluir que há uma apropriação dos pensamentos ocidentais pelos índios. Vale ressaltar que entendemos os índios, hoje, como pessoas que convivem

com a sociedade branca urbana, são brasileiros, frequentam universidades, lutam por seus direitos, são políticos e politizados, muitos já deixaram a vida em comunidade rural, mas também que podem preservar diversas de suas origens. Mas queremos reforçar que o museu é uma produção ocidental, burguesa e urbana. Quando os índios se apropriam desta instituição, significa dizer que eles também se apropriam, pelo menos em parte, da nossa maneira de pensar o mundo.

Exploramos, pois, uma primeira aproximação do nosso assunto. Provamos que os índios se movimentaram e estão em contato pleno com o mundo ocidental, muitas vezes cedendo à algumas concepções mas, sobretudo, resignificando-as.

Ressignificações sociais e patrimoniais

Paralela a esta movimentação indígena, temos os avanços do museu. Maria Cecília Santos nos apresenta a trajetória que levou chegarmos a uma proposta de Nova Museologia. Ela data de maio de 1968, e localiza na França a nascente da contestação dos valores sociais então vigentes que chegaram ao inconformismo. A partir de então temos uma nova interpretação do que é a sociedade, e num mesmo movimento, do que é patrimônio. Há aí uma ampliação destes conceitos e a incorporação de elementos que antes estavam alijados das definições, o guarda-chuva da “sociedade” e do “patrimônio” passaram a caber mais coisas.

Ainda segundo esta autora, o museu é um produto social que está, pois, sujeito aos movimentos da sociedade. E a museologia é uma ciência que estuda o museu. Neste contexto, nasce a Nova Museologia que passa a englobar diversos outros sujeitos no museu e outras formas de se fazer o museu: museu integral que leva em consideração a totalidade dos problemas da sociedade. Gerido por pessoas ativas, que vêem o museu ativo na sua função social como meio da transformação social, e não fim em si mesmo. Dessa forma, abre-se a possibilidade do museu ser grupal e participativo, além de educativo.

Como corrobora Scheiner, o Novo Museu é fruto da década de 60 que propõem a coexistência de diversas identidades e pluralismos cultural. Com isso, traz para as narrativas diversos setores que antes estavam à margem da sociedade.

Setores tratados como minorias mas que, contraditoriamente, em valores absolutos são milhões de pessoas.

O museu é um fenômeno que está inserido nestas novas propostas sociais. Ele é uma instituição una mas tem múltiplas apropriações. Cada sociedade pode se representar no museu que mantém. E um exemplo é a apropriação e representação que os índios fazem.

Índio no Museu

O índio se apropria do museu por uma ideologia política, pelo próprio caráter desta instituição.

Freire (2009) nos apresenta 6 exemplos no Brasil: o Museu Magüta, a Embaixada dos Povos da Floresta, o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu Amazônico da Universidade do Amazonas, Museu Aberto do Descobrimento e o Museu do Índio de Brasília.

Podemos destacar, a partir destes exemplos, objetivos que podem ser considerados pelos indígenas como a demarcação de terras. Neste caso, trazem à exposição documentos de todos os tipos que provem a raiz daquela tribo com aquele local. Mostram às comunidades vizinhas a história que eles possuem com aquele território. Podem com isso, gerar conflitos com posseiros e fazendeiros que lutam pelo mesmo espaço com eles. E os índios dessa forma apelam à opinião pública.

Os índios podem, também, utilizar o museu como espaço para “exercer papel educativo e mobilizador, organizar a memória e revigorar a identidade de diferentes etnias” (Freire, 2009, p. 217). Passam com isso ter um local de divulgação da sua história e do seu saber-fazer, e ensejam a continuação de suas tradições a partir das amostras.

Conclusão

Na nossa visão, para além da apropriação do museu pelos índios como luta política ou apenas como dispositivo de sobrevivência dos seus costumes, o fato de termos mais pessoas contando a História é um fator essencial. Passamos a ter histórias, no plural. Desmonopoliza-se, descentraliza-se e desocidentaliza-se a História. Abrimos a via para alternativas de contar como se deram os processos. Exemplo do Museu Aberto do Descobrimento que ainda traz em seu seio a idéia eurocêntrica: a visão de que o mundo só faz sentido e só existe a partir dos europeus.

Podemos, com as lutas identitária da “minoria”, entrar em uma crise social em que se contesta a unidade dos Estados, as representações políticas, se reivindica políticas públicas e outras possibilidades; mas devemos encarar isto como um processo natural e incentivá-lo. Superar a linha do pensamento abissal e admitir a coexistência não só de diversas epistemologias, mas de diversos pontos de vista de se contar a história. Afinal, os povos antes silenciados estão encontrando cada vez mais espaço na sociedade para serem os narradores das suas próprias histórias que antes não lhe permitidas ser contadas por eles.

Referências Bibliográficas

FREIRE, José Ribamar Bessa. A Descoberta do Museu pelo Índio. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mario (Org.). **Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. Pp. 217-253.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2013.

SANTOS, Maria Cecília T. M. **Reflexões sobre a Nova Museologia**. Cadernos de Sociomuseologia. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363/272>. Acesso em: 28 out. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Scielo. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002007000300004&script=sci_arttext Acesso em: 28 out. 2014.

SCHEINER, Tereza C. **Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação:** reflexões sobre o museu inclusivo. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10283.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.